

²
E C L O G A B
T R A G I C O - P A S T O R I L
D E N O M I N A D A
A S L A G R I M A S D O S P A S T O R E S ,
O S
T E R N O S S U S P I R O S D E C O R A Ç Õ E S A F F L I C T O S
E X A L A D O S
N A A C E R B A M O R T E
D O S E U
G R A M P A S T O R .

ALLUDE-SE , DEMONSTRANDO EM PARTE , Á GRANDE , E
sensível magoa , que contristou Portugal na infauſta tarde do dia 11
de Setembro de 1788 pela illimitavel perda da prezadiffima
vida do Sereniffimo Senhor

D. J O Z É
FRINCIPE DO BRAZIL.

Por J. P. R. de C.



L I S B O A

NA OFFICINA DE ANTONIO RODRIGUES GALHARDO.
Impressor do Eminentissimo Senhor Cardial Patriarca.

ANNO M. DCC. LXXXVIII.

Com licença da Real Meza da Comm. Geral sobre o Exame , e Cens. dos Livros.

*Pena negat pennam digitis tractare, papyrus
Irrigat, ex oculis qui rigat ora, liquor.*

Lacrymæ Lusitanorum Planctus VI.





ECLOGA

TRAGICO-PASTORIL

*Fozino, Silvio, Anfrizo, Gil, Mirene,
Marcia, e Albina.*

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

DAs Messes, e igualmente dos Ceifeiros
Solitarios os Campos, e os Outeiros
Já se viaõ: Deserta era a Campina;
Porque os premios de Ceres, que a domina
Tinha já nos Celeiros resguardado
Do Lavrador o provido cuidado:
A calmosa estaçaõ já se acabava,
E a do invernofo Outono começava:
A huma tarde do qual, em que zunia
Por entre a cavernosa penedia,
E pelos fundos Vales, e os Outeiros
Abalando os Carvalhos, e os Salgeiros
O vento rugidor; e aos Ceos se erguiaõ
Densas nuvens de pó, que nos cubriaõ:
Em que os ternos alegres passarinhos,
Que soltar costumavaõ dos raminhos
Canticos de ternura com excéssõ,
Encrespados voavaõ de remesso;
E rugindo do prado ao som dos rios
Espalhavaõ nos ares tristes pios:
A tarde taõ funesta, e desditoza
Triste noite succede tenebroza:
▲ Conforte de Erebo tremebundo

Ex começa a vestir de negro o Mundo :

De Phœbe o resplendor , que mal se via

Negra nuve ora o mostra , ora o cubria :

Das Aves agouzeiras

Por entre as pedregosas ribanceiras

A voz ameaçadora de pezares

Perturba os densos , enlutados ares :

Averde-negra Rãa , que afflige a gente

No charco immundo em berro impertinente,

Naõ deixa o canto rouco de afflicção,

Augmenta a mais , e mais a confusão :

Das ondas do Pai Téjo embravecido

Ressoava nos montes o estalido :

Balava o manso , descontente gado ;

Porque entre espessos matos embrenhado

Sem rafeiros , sem guarda , nem Pastores

Eraõ prezas dos Lobos tragadores :

O Trovaõ pavoroso , que poem medo

Estalava no concavo rochedo :

Da Lua naõ : a noite se alumia

* C'os rayos em que o Pólo todo ardia :

Por fim : a Campina , o Téjo , a Aspereza

Tudo era confusão , horror , tristeza :

Os tímidos Pastores ,

Que viaõ a Campina em taes horrores ,

A's portas das Cabanas mal chegavaõ ,

Os tristes olhos para os Ceos alçavaõ :

E as Pastoras , que a luz do rayo olharaõ

* Aos peitos os filhinhos apertaraõ :

Da noite tenebrosa

Socega em parte a furia tormentosa :

E os Pastores , que ouviaõ pelos prados

Os balidos de seus errantes gados ,

Sahiraõ a ajuntalos diligentes

Por temerem do Lobo avidos dentes :

Para este fim estavaõ na Campina
 Mirene , Anfrizo, Silvio, Marcia, Albina :
 Quando nisto , de susto supprimidos
 Ficáraõ , ao escutar tristes gemidos,
 Que dentre fundo valle re-soavaõ:
 Todos para escutalos se apressavaõ
 Por ver de que naicia tal clamor ;
 Porém logo encontrátaõ Gil Pastor ,
 Que descendo do valle a alta ladeira
 Aos Pastores fallou desta maneira :

G I L.

Ternissimos Zagaes compadecidos
 Da triste voz , e tremulos gemidos
 Desse , que chora algum fatal destino ,
 Sabei que Braz me disse que he Jozino ,
 O filho de Silvano ,
 Que na Cidade , havia mais de hum anno ,
 Aprendia os estudos , oh Bondade !
 Que gratuitos se daõ á mocidade :
 Que chegando a esta Aldea , inda ha mui pouco ,
 Fugindo dos Pastores como louco ,
 Embrenhando-se nos espéssos matos ,
 A rojando o Çurraõ , rompendo os fatos ,
 Quebrando a frauta , maltratando a cara
 O motivo do pranto naõ contara.
 Assim que tal ouvi sobressaltado ,
 Sem buscar a vareda , nem trilhado ,
 Saltando valles , por despenhadeiros ,
 Rompendo balsas , atrependo outeiros ,
 Ora paro a escutar , ora a carreira ,
 Atne que vim sahir a esta ladeira :
 Ajudai-me , oh Pastores !
 Vamos ver de que nascem seus clamores :
 Vê tu , Anfrizo , se lhe dás concelho ;
 Elle te preza alsás por seres velho :

E se o deixas em tanta desventura,
Só morto o levaremos da espessura.

Seguem do triste o ecco; e em fim chegáraõ;
Porém romper o sitio não ouzáraõ.

Era o lugar de taõ fataes horrores

Que nunca vio do Sol os resplandores,

Cuberto de medonhos arvoredos,

E dentre horridas bocas de huns rochedos

Rebentavaõ limofas, verdes agoas,

Morada propria da tristeza, e magoas.

Neste pavido sitio reclinado

Sobre hu' tronco, o cabello desgrenhado,

Morta do rosto a graça, e a alegria,

Imagem da fatal melancolia,

Jozino ahi queixava seus pezares,

Suspiros exalando aos furdos ares.

Os Pastores, que ao bosque eraõ chegados

Paráraõ a escutar seus ternos brados.

JOZINO.

Jozefino! Meu caro Jozefino!

Quem te roubou do teu fiel Jozino? . . .

Aonde o chamarei que não se esconda?

Que ao meu triste gemido inda responda? . . .

Mas ah! Que aos Ceos partiste,

E deixaste Jozino afflicto, e triste

* Repousa lá no Ceo eternamente;

Inda q' eu chore afflicto, e descontente:

Recebe da Suprema, Alta Bondade

Os premios da Virtude, e Caridade,

Que as tuas mãos excelsas espalhavaõ

Pelos Miseros, que a ellas se acoutavaõ:

O teu plausivel Rosto,

Que a todos infundia paz, e gosto

Ache, desta virtude em recompensa,

Affavel do Senhor a Alta Presença:

Os Pastores, que os eccos escutavaõ
 Os gestos huns dos outros reparavaõ :
 The que Gil, entre lagrimas ardentes,
 Assim falla aos Pastores innocentes:

G I L.

Ah miseros de nós! Ah caro Anfrizo!
 Que horrendos males vir a nós divizo!
 Se he certo o que eu supponho,
 Desgosto insupportavel vos proponho:
 Da nossa Mayoral o Filho amado,
 O Gram Pastor . . . Oh Ceos! . . . Sou desgraçado!
 Eu julgo, que por nossa infauza sorte,
 Rendeo a amavel vida á fria morte,
 E quem será o grande Jozefino,
 (Se attender-mos ás vozes de Jozino)
 Em quem resplandecia a caridade?
 Onde a summa Alegria? Onde a Bondade?
 Se assim he, como penso, não o estranho;
 Que coração tamanho,
 Não cabendo no mundo, perciso era
 Que voa-se a occupar a azul Esféra.
 Antes que faça em nós maior progresso
 O temor, que a certeza, este successo
 Deste Pastor afflicto vou saber:
 Vou conforto buscar, ou vou morrer.

Com as mãos ante os olhos vaõ rompendo
 (Para os lados os ramos retrocendo)
 O confuzo arvoredo emaranhado :
 Tinhaõ, por fim, chegado
 A hé ao cavernoso centro, escuro
 De escábroso penhasco, informe, e duro;
 E ao Pastor, a quem turba magoa forte
 Principiaõ fallando desta sorte:

G I L.

Salve-te, ó Pastor triste, o Ceo sagrado.

A iv

(8)

J O Z I N O.

De mim que pertendeis? De hu' desgraçado?
Porque pizaes, como eu, estes horrores?
Já patentes vos saõ meus dissabores?
Vindes chorar a vossa desventura?
Já tocasteis o centro á amargura?

G I L.

Inda a força do rayo nos naõ mata,
Assombra-nos a dôr, que te maltrata:
Presago o coração me diz, amigo,
Da nossa Mayoral, que teve prigo
O caro, amavel Filho . . . Mas tu calas?
Suspiras? . . . Choras? . . . Tristes ays exalas? . . .
Naõ to predi-se eu, prudente Anfrizo?
Ah Jozino! Se livre o teu juizo
Discorre-se da dor, que te dá fragoa
Repartiras comnosco a tua magoa:
A todos dessa dor nos toca parte,
Comnosco a infausta dor fiel reparte.

J O Z I N O.

Aparta-te de mim, ó sentimento,
Vai ferir, vai ferir por hu' momento
Com igual sétta o peito a estes Pastores,
E meu pranto acharáõ menor, que as dores.
Presta-me, ó Ceo, a tanta dor reparo:
Dai a tremula lingua algum amparo.
Vaga naõ foi, ó Gil, a tua idéa.
Morreo . . . Sim: das Campinas da Ulysséa
As Delicias, o Amparo, o Gram Pastor,
O nosso amavel Pai, o Bemfeitor,
O Sábio, o agradavel Jozefino.

M I R E N E.

Oh magoa!

A L B I N A.

Oh ancia!

M A R C I A.

Oh dor!

A N-

A N F R I Z O.

Cruel Destino!

7 O Z I N O.

A sua alma gentil, candida, e nobre,
 Incansavel em socorrer ao Pobre,
 Para o Reino vo-ou do Desengano:
 Deixou o corpo nobre; mas humano:
 O seu gesto, que affavel nos mostrava,
 Sua maõ liberal, que se esmerava
 Em valer, a quem della se valia,
 Jaz debaixo da Campa horrenda, e fria.
 Aquelle coração, que cento a cento,
 Bem como lá no Ethéreo Firmamento
 Reluzem as estrellas,
 Luziaõ nelle mil virtudes bellas,
 Chamou-o o justo Ceo; pois lhe quiz cedo
 Pagar o bem, que fez neste degredo.
 Ah Pastores! Eu tenho confiança
 Que sua alma gentil em Paz descansa;
 Que vida taõ Christãa, taõ Heroína
 Nos devemos julgar . . . Mas tu Albina
 Choras? Suspiras? Vertes ays a pares?
 Taõ bem te cercaõ lugubres pezares?
 E tu Marcia igualmente, e os mais Pastores
 Já provaes meus infaustos dissabores?
 Poupa-me nova dor vosso transporte:
 Oh geral! Oh sensivel, duro corte!
 Eu julgando-vos fortes pertendia
 Contarvos a agonia,
 E dissabor, a magoa, a saudade
 Da tunebre, afflictissima Cidade:
 Enganei-me: Sois ternos: Foi em vaõ;
 Naõ tendes corações de Tigre: Naõ.

A L B I N A.

Ah! conta: Conta a lastimosa Scena;

Naõ

Naõ me poupes a dor, a magoa, a pena :
Fere-me o coração : Aqui ' stá dentro ;
Carrega as impias féttas the ao centro.

M A R C I A.

Conta, fim : e verás que a triste historia
Me ficará eterna na memoria.

Augmentai as correntes ao meu rosto ,
Se he que póde aumentar-se o meu desgosto.

S I L V I O.

Engana-se quem diz que o sentimento
Tem forças de matar : eu exprimento
Que se a pena , a mais grave , em fim matára
Este ar , que inda me anima me faltára.

G I L.

Tu , ó douto Jozino ,
Que defrente de nós tens outro ensino ,
Expoem as nossas magoas sem remedio
Sirva lhe o nosso pranto de Epícedio.

Ʒ O Z I N O.

Apenas a doença pestilente
(Que eu falle hum breve espaço , ó dor , consente)
Tinha assaltado o terno Coração
Do nosso Gram Pastor . . . Que impia afflicção !
Que tristeza , e desgosto
Se lia já no descontente rosto
Do Grande , e do Pequeno ! Rico , e Pobre !
Que acerba mágoa os corações lhes cobre !
Mas athé que impio gráo de desventura
Nos submergiste , oh tarde de amargura !
Oh tarde causadora de desmaios !
Tarde , a quem , the o Sol negou seus rayos !
Tarde , em que a acerba Morte
Nosso Bem nos deslupa : de hu' só corte !
Eu vejo a toda a parte Descontentes ,
Pallidos rostos , lagrimas ardentes ,

Qual

Qual insensato , qual da dor movido
Exclamar contra a Morte enfurecido:
„ E te atreves , mirrada mão da Morte ,
„ A alçar a fouce ? a dar o infausto corte
„ Numa vida taõ bella ? Ceo piedoso !
„ E deixas livres cá tantos maldosos ,
„ Que infestaõ as Aldeas , e a Cidade ?
„ As leis assim quebrantas da Equidade ?
Mas logo a si tornando ,
Bem como de hu' lethargo despertando ,
As lagrimas nos olhos supprimindo ,
Sobre os cruzados braços descachindo
A languida cabeça , assim dizia :
„ A teu arbitrio , ó Morte horrenda , e fria ,
„ Tu não moves a fouce : Hum Poder Forte ,
„ Sabio , e Recto te manda dar o córte :
„ Os Occultos Juizos , o Destino
„ Adoremos do Ceo Justo , e Divino :
„ Saõ Justos seus Decretos , sempre Equaveis ;
„ Posto que a nossos olhos inscrutaveis.
De todos geralmente os corações
'Trãsbordaõ de afflicções :
Dos nossos Mayoraes . . . Oh dor terrivel !
Que ancia taõ sensivel !
Que penas ! Que desgostos ! Que afflicções
Lhes combatem os ternos corações !
Que magoa taõ crescida
Foi a do ultimo transe , e despedida !
Para o não verem mais , oh agonia !
Foi descancar na Campa horrenda , e fria :
Nunca já mais veremos , que desgosto !
O seu lindo , plausivel , grato Rosto :
Morreo . . . Deixou a nossa companhia . . .
O triste som dos Sinos , que zunia ,
Os gemidos de tantos consternados ,

Os tiros, que re-soaõ compassados,
Os Navios bandeiras apanhadas,
O Militar as armas reviradas,
O rouco som das caixas . . . Impia sorte!
Movia o coraçãõ mais duro, e forte . . .
Ah! Naõ mais me aviveis a dor funesta . . .
Já sabeis minha dor: amagoa he esta:
Dor, que exprimenta a minha desventura;
Que hirá morar comigo à sepultura.

A N F R I Z O.

Pastor taõ justamente magoado,
De aguda sétta o peito me has passado,
Que posto eu seja rude
Da ternura taõ bem sinto a virtude:
He justo nosso pranto, e sentimento;
Mas he justo taõ bem o soffrimento:
Justa a resignaçãõ com a vontade
Da Sábia, da Suprema Divindade:
Mil vezes te hei ouvido estas rezões:
„ Tem o Sábio dominio nas paixões:
Se he certa esta rezaõ, prudente, e boa
(Vê que eu gemo da dor, que te magõa)
Devemos reprimir nossa afflicçaõ,
Castigo, e premios da Divina Mão
Aceitar, nos devemos, resignados:
Os Máos são os que devem ser chorados;
Do nosso Gram Pastor
As virtudes, de que era possuidor
Nos daõ fixa esperança
Que a Paz do Justo Ceo goza, e descança:
Do nosso Bom Pastor taõ suspirado
Temos no Caro Irmaõ vivo Traslado:
O mesmo sangue lhe circula as veas,
Da caridade santa iguaes idéas
O seguem: Digaõ-no por toda a parte

Os muitos, com quem tantos bens reparte;
 O Justo Ceo lhe anime o coração
 Neste golpe cruento de afflicção,
 E nos conserve Vida tão amavel
 Quão preciza nos he, quanto estimavel.

7 O Z I N O.

Tuas rezões prudentes, caro Anfrizo.
 Essa sábia Doutrina, e saõ Juizo
 Me deixa conhecer bem claramente
 Que não pratea o Ceo em vão a frente.
 Só dos annos a longa experiencia
 He que póde ensinar leis de prudencia:
 Aos teus preceitos ex-me refuluto,
 E da sábia lição seja este o fruto.

A N F R I Z O.

Pois, afflicto Pastores,
 Fugamos dos horrores,
 Que nos offrece o sitio pavoroso:
 Cada vez mais escuro, e tenebrozo
 O ar descubro, nem desta noite fria
 As trévas haõ ceder sem vir o dia:
 O manso, errante gado,
 Que nos Montes balando desgarrado
 Vaga triste, tornemos a ajuntar:
 Nas pobres Choças vamos repoufisar:
 Vamos, em fim, rogar aos Ceos piedosos
 Que dem consolo a tantos desditosos;
 Que aos Nossos Mayoraes conserve as Vidas,
 E magoas lhe aliviem tão crescidas.

A Filha de Titan seu rosto lindo
 Vinha mui pouco a pouco descobrindo:
 Os Pastores o gado, que podéraõ,
 Ajuntáraõ: Por fim se recolheraõ.

F I M.

S O.

S O N E T O.

MOrreo aquelle Princepe, que dava
 Esperanças de Rey o mais compléto:
 Morreo para constar ao nosso affecto
 Que só o ser eterno lhe faltava:

A tempo, que vivia, e que mostrava
 Ser Magnanimo, Pio, Sabio, Recto
 Foi de Justo gozar digno Epitéto
 Noutro Reino melhor, que o que deixava.

He a immensa extençaõ do Ceo jucundo
 Para os grandes Heróes do Christianismo
 Cujas almas lugar não tem no mundo:

JOZE' affombro foi do santo Heroismo,
 Da Eternidade o invoca o Ser Profundo
 Da maneira que abismo invoca abismo.

S O N E T O.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

N Asceu JOZE' dos Póvos applaudido,
Hoje expira dos mesmos lamentado:
Foi Principe de Lysia suspirado,
Cadaver he a cinzas reduzido:

Nas virtudes apenas foi nutrido,
Jaz no Túmulo triste sepultado:
A Morte fez que fosse á terra dado,
O vivente, que foi aos Ceos pedido.

Naõ chegou a Reinar; que menos era
Monarca possuir inteiro o Mundo;
Do que Justo elevar-se a summa Esféra.

O Ceo foi seu Cunabulo jocundo:
Vio que a Vida he Desterro, e o Ser Quiméra,
Para a Patria passou de que era Oriundo.

S O N E T O

Filho perde a Rainha: Irmaõ o Infante:
A Princeza o Sobrinho feu Conforte:
Ao Principe, que amava, perde a Corte:
Perde o Rey, que esperava, o Povo amante:

A falta as Letras sentem de hum Gigante,
E naõ menos as Armas de hum Mavorte:
O Commercio da sua feliz forte,
As Virtudes a sentem de hum Athlante.

Tal foi o Heróe, que a Parca presumida
Da Coroa prostrar, a Palma, o Sceptro
Conseguio despojar da humana Vida.

JOZE', a quem de Apollo canta o plectro,
E canta a viva Fama engrandecida
He a quem Lyfia chora no Feretro.

O Autor detesta, e quer se entenda como naõ dito tudo aquillo em que se apartar da Verdadeira, Sábia Doutrina da Santa Igreja Romana, e Douto Parecer de taõ Judiciosa, e Real Curia. Confessa por mentirosas, e falças todas as Divindades Gentilicas, de que usa meramente para adorno, e composição da Obra.